

ALOYSIO CAMPOS DA PAZ JÚNIOR *

“Não é por culpa de nossos médicos que a assistência médica à comunidade tal como é prestada hoje é um absurdo sangüinário. Qualquer nação que observe que se deve compensar um padeiro dando-lhe um interesse pecuniário por cada pão produzido e evolua dando a um cirurgião um interesse pecuniário para cortar uma perna, desencadeia o processo suficiente para levar qualquer um a desanimar de qualquer política humanitária. Entretanto, foi precisamente isso o que nós fizemos. E quanto mais pavorosa for a mutilação maior o pagamento do mutilador. Aquele que corrige uma unha encravada recebe algumas moedas: aquele que lhe corta por dentro recebe centenas de milhares, exceto quando ele faz isso em um pobre para o exercício da prática” — in Jorge Bernard Shaw, prefácio aos médicos, O dilema do médico, 1906.

Recife, maio de 1995. Em um Hospital Público qualquer...

7h15: No centro cirúrgico, o experimentado e ainda persistente cirurgião espera. O doente também espera. O anestesista não espera porque ainda não chegou, parece que nem vem.

O residente, no passado aprendiz atencioso e dedicado, hoje representante sindical, já mandou o velho cirurgião às favas. Está de ressaca, pois, na noite anterior, participou ativamente da assembléia que tratava da questão do dissídio dos petroleiros...

8h45: Chega um anestesista que decide suspender a cirurgia porque tem reunião do sindicato. Além disso, alega que a autorização da internação hospitalar, a popular AIH,

não está convenientemente preenchida e portanto não haverá o lucro devido.

“Assim não é possível fazer a anestesia!”, resmungou o especialista.

9h00: Chega a instrumentadora, auxiliar que supostamente arruma os ferros para a operação. Chega arrastando o tamanco velho e o uniforme puido.

“Oh dona Maria! Eu estou aqui com o seu Jeca (o doente) desde as 07h15 da manhã!”, exclamou o anacrônico esculápio.

“Oh dotô, sinto muito! Como sou eleitora da companheira Diretora, ela me autorizou a chegar na hora que eu quiser.”

10h00: Recife, ou em outro qualquer lugar deste Brasil, onde se confunde bagunça com democracia, o velho cirurgião é atendido na emergência com crise hipertensiva e dor no coração. O doente (seu Jeca) leva uma bronca da dona Maria instrumentadora, que descobre que ele não é “companheiro”... votou “nos outros”!

“Eu bem disse pra companheira chefe que não queria ser escalada para essa cirurgia... O dotô tem mania de operar só doente complicado. Demora muito e eu não posso ir pro hospital particular onde descolo uma grana dos convênios.”

10h15, Recife, a Diretora está no seu consultório particular atendendo convênios (tem mais de 23). Afinal, ninguém é de ferro e os companheiros garantem... aliás, todos têm convênio.

10h30, ainda em Recife, o residente analisa se finalmente aceita convite que recebeu para participar do Conselho Municipal de Saúde... Afinal, ele luta pelo Artigo 196 da Constituição: “A Saúde é direito de todos e dever do Estado!” Dona Maria instrumentadora

grita em assembléia da classe, defendendo seu direito inalienável de ter uma retribuição digna pelo seu nobre esforço: Trabalhadores da Saúde! Companheiros!: O povo unido jamais será vencido! Abaixo os medalhões reacionários que só servem para operar doentes como Seu Jeca...

11h00, São Paulo, nobre líder sindical é operado em elegante hospital particular. Não tem problema, o seguro privado paga.

Enquanto isso, Seu Jeca, que já bateu as botas, é transferido para o Departamento de Anatomia, a fim de cumprir a nobre missão de ceder seu corpo para que as novas gerações estudem. Precisamos qualificar nossos recursos humanos! E, afinal, lugar do Jeca não é dentro de tomógrafo, é mesmo mergulhado em formol...

15h00, Brasília, a lei que poderá permitir que as seguradoras multinacionais de saúde entrem no negócio é aprovada. Afinal “A Saúde é direito de todos”... menos do Seu Jeca, é claro.

P.S. Este artigo foi baseado em um fato real. Qualquer semelhança com pessoas que habitam o Brasil de hoje ou situações que vivemos é absolutamente proposital. Ele retrata uma perda de visão humanista que resulta do mercantilismo decorrente das regras do jogo do atual sistema de saúde(?) do nosso país.

Privilegiando-se o número e a complexidade dos procedimentos médicos, instalou-se a selvageria. A carne humana foi transformada em matéria-prima para o lucro.

O cotidiano narrado, que parece vulgar, se torna, na verdade, patético.

* Pós-graduado em Ortopedia pela Universidade de Oxford, é cirurgião-chefe da Rede Sarah de Hospitais e presidente da Associação das Pioneiras Sociais